



Aspectos históricos, editoriais e dos gêneros textuais do *Jornal do Commercio*, *Gazeta da Tarde*, *Marmota Fluminense* e *O Estado de São Paulo*. 1

COORDENAÇÃO:

José Alcides Ribeiro

Participantes:

José Alcides Ribeiro, docente, Universidade de São Paulo²

Regina Lúcia de Araújo, docente, Universidade Católica de Goiás³

Maria das Graças Gonçalves, mestrande, Universidade de São Paulo⁴

Éris Antônio de Oliveira, docente, Universidade Católica de Goiás⁵

RESUMO

No panorama da imprensa periódica brasileira dos séculos XIX e XX, pode-se notar a exploração de gêneros jornalísticos e literários nos jornais de grande projeção no Rio de Janeiro e em São Paulo. O propósito da mesa é apresentar informações detalhadas sobre aspectos fundamentais da história, dos gêneros literários, híbridos e especializados do *Jornal do Commercio*, *Gazeta da Tarde*, *Marmota Fluminense* e *O Estado de São Paulo*. Jornais de grande projeção na sua vida editorial média e longa.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo e literatura, imprensa Periódica e literatura, gêneros jornalísticos e literários nos periódicos.

PROPOSTA DA MESA

As Seções do *Jornal do Commercio*: Gêneros Jornalísticos e Literários

No século XIX e nas décadas iniciais do século XX, o *Jornal do Commercio* tem nas suas páginas gêneros jornalísticos e literários em profusão. Como gêneros jornalísticos, destacam-se o comunicado e o comunicado opinativo. O primeiro contendo a atual estrutura sintética da nota e o comunicado opinativo com o comentário opinativo de extensão média e longa sobre notícias em geral. Como gêneros literários,

1. Mesa apresentada no III Colóquio Multitemático em Comunicação - Multicom, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2. José Alcides Ribeiro é escritor, doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo., docente da graduação e da pós-graduação do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo. Autor dos livros *Transdisciplinaridade: Literatura Brasileira e Jornalismo/Correio Mercantil*, *Transdisciplinaridade: Literatura Brasileira e Jornalismo/Jornal do Commercio*. Líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Literatura e Imprensa Periódica: Séculos XIX, XX e XXI do C NPQ.

3. Regina Lúcia de Araújo é escritora, doutora em Letras pela Universidade de São Paulo, docente da Universidade Católica de Goiás. Membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Literatura e Imprensa Periódica: Séculos XIX, XX e XXI do C NPQ.

4. Maria das Graças Gonçalves é mestrande do Programa Pós-Graduação de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo e pesquisadora da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Literatura e Imprensa Periódica: Séculos XIX, XX e XXI do C NPQ.

5. Éris Antônio de Oliveira⁵ é doutor em letras pela Universidade Federal de Goiás, docente da Universidade Católica de Goiás – UCG, Membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Literatura e Imprensa Periódica: Séculos XIX, XX e XXI do C NPQ



destacam-se o romance, o conto e a crônica, gênero híbrido (jornalístico e literário). A seguir, são caracterizadas as seções do *Jornal do Commercio*.

Anúncios - Esta seção publicava anúncios de vários tipos, inclusive, os anúncios de produtos culturais. A prática dos anúncios era muito utilizada por Aluísio Azevedo para a venda dos seus livros.

No dia 28 de junho de 1880, página 6, um típico anúncio de produto cultural, muito freqüente, podia ser encontrado; nele eram divulgados os preços dos ingressos da representação teatral da peça *Teresa Raquin*, adaptação do romance de Emílio Zola, direção Furtado Coelho e tradução de Carlos Ferreira. Os preços eram os seguintes: camarotes com cinco entradas: 15\$000 réis; cadeiras de primeira classe: 3\$000 réis; galerias: ditas de primeira classe: 3\$000 réis; ditas de segunda: 2\$000 réis; cadeiras de segunda: 2\$000 réis e entradas gerais: 1\$000 réis. É interessante notar que o romance de Émile Zola foi encenado com muita rapidez no Rio de Janeiro, já que foi publicado na segunda metade da década de setenta na França.

Outra tipologia muito freqüente de anúncio de produto cultural era a dos romances publicados na seção Folhetim do *Jornal do Comércio* e editados em livro pela tipografia do jornal. Nos anúncios, saíam listas enormes com os títulos dos livros e seus preços; eles podem ser encontrados semanalmente durante todo o século XIX. No dia 1 de julho de 1880, página 8, um anúncio oferecia uma longa lista e os preços dos romances publicados anteriormente pela seção Folhetim do *Jornal do Commercio*, dentre eles, *A Milionária* e *Portugal a Vol D' Oiseau* da Princesa Rattazzi, volumes com cerca de quarenta gramas e preço de 2\$000 réis.

Anúncios de novas invenções eram muito freqüentes. A visão sobre os novos mecanismos era deslumbrada e tinha o propósito de seduzir os consumidores.

Boletim de Notícias da Europa - Esta seção formava o suplemento semanal na década de setenta, nele eram publicadas as notícias do exterior extraídas das “folhas”, jornais estrangeiros, trazidas pelos navios, mais raramente, as notícias eram enviadas por correspondentes. Até a década de setenta, a extração de notícias internacionais de jornais estrangeiros era também típica da seção Exterior. O suplemento deixou de ser publicado na década de oitenta.



No exemplar do dia 12 de novembro de 1872, é indicado na página 1 que as notícias foram retiradas das folhas trazidas pelo “[...] Pacote Gambie [...]”. (JORNAL DO COMMERCIO, p. 1, 12 nov. 1872, p. 1). O suplemento desse dia, suplemento ao número 314, primeira página, trouxe na última coluna uma nova seção intitulada “Telegramas à Ultima Hora”. Essa seção foi trazida posteriormente para as páginas centrais do jornal com o nome “Telegramas” continuou a ser editada durante várias décadas no século XIX e XX. Vários jornais de grande circulação copiaram o esquema dessa seção, dentre eles, a *Gazeta de Notícias*.

Comércio - A seção Comércio foi a primeira do jornal, pois ele surgiu em 1827 com o propósito de oferecer notícias sobre o comércio; continuou a ser publicada até o final do século XIX e entrou pelo século XX. Na década de setenta do século XIX, o *Jornal do Comércio* ampliou consideravelmente a seção, passaram a fazer parte dela as seções Boletim Semanal, Importação, Exportação, Movimento do Porto. Esse esquema foi utilizado também na década de oitenta com a inserção de outras seções, inclusive, uma intitulada Telegramas. Na página 6 do dia 1 de janeiro de 1888, podem-se notar as várias notícias sobre o comércio em geral.

Na seção Boletim Semanal, o comunicado e o comunicado opinativo davam forma às notícias comerciais. Graficamente, a seção aparecia em quatro colunas, na primeira ou na terceira ou nas páginas finais. Nos dias 1 de outubro de 1871 e 8 de janeiro de 1874, página 1, podem ser notados dois típicos comunicados opinativos. No primeiro comunicado opinativo, o redator, com base em notícias comerciais, realizou uma análise rigorosa do movimento das cotações das ações de duas companhias, a Companhia das Docas e a Companhia de D. Pedro II. No segundo comunicado opinativo, intitulado “Retrospecto Anual da Praça de Santos-1873”, o redator apresentou uma análise detalhada do movimento comercial da cidade de Santos, Estado de São Paulo. O comunicado dava forma às notícias do câmbio, das ações da bolsa, do movimento da venda do café e do movimento comercial das companhias.

Editorial - No final da década de setenta, em 1877, a seção Editorial apareceu e veio a ser publicada nas décadas posteriores com frequência. Seu espaço gráfico localizava-se na primeira coluna da primeira página. Suas temáticas giravam em torno de qualquer fato noticioso que pudesse interessar ao público: política do governo, política das instituições públicas, crimes, problemas sociais, economia popular, higiene pública, impostos.



Exterior - A seção Exterior trazia sempre notícias sobre a Europa, Estados Unidos da América, Ásia e outros continentes. O tipo de gênero utilizado era o comunicado.

Folhetim do Jornal do Comércio - A seção Folhetim do Jornal do Comércio localizava-se nas páginas iniciais, ocupava graficamente a parte da metade para baixo (rodapé), um traço em negrito delimitava o seu espaço. Era uma seção que abrigava grande variedade de gêneros com frequência quase diária: grande quantidade de textos isolados, inúmeras seções especiais de crônicas, textos de crítica especializada em várias áreas do conhecimento e muitas criações ficcionais (contos, romances europeus traduzidos e romances brasileiros). Os romances seriados, editados em pedaços quase diariamente, ocupavam geralmente o rodapé das páginas.

No espaço do Folhetim do Jornal do Comercio, foram publicados o romance *O culto do dever* de Joaquim Manuel de Macedo, suas crônicas da seção Um Passeio, reunidas posteriormente no livro intitulado *Um passeio pelo Rio de Janeiro*, as crônicas de Carlos de Laet da seção Microcosmo e várias outras criações de cronistas e escritores nacionais e internacionais

Gazetilha - Esta seção apareceu já na década de cinquenta nas páginas do *Jornal do Comércio*. No terceiro capítulo, vejam-se os comentários detalhados sobre as suas temáticas e técnicas de composição. Na década de oitenta, as notícias tinham a estrutura do comunicado, precedido por um travessão e título curto em negrito, com frases nominais de uma a quatro palavras mais ou menos, o título funciona como uma chamada para o conteúdo do comunicado.

Na década de oitenta, a Seção Gazetilha perdeu a característica de seção de notícias variadas e passou veicular preponderantemente notícias oficiais.

A seção **Interior** continha sempre notícias sobre o interior de todo o país. O gênero empregado era o comunicado.

Notícias Várias - Na década de 70, esta seção não tinha uma página fixa, mas na década de oitenta foi publicada na primeira página. Nela eram veiculadas notícias de toda espécie por meio do comunicado, sem travessão.

As notícias eram muito variadas e abrangiam as atividades da vida cotidiana das personalidades da corte, do governo, pessoas da alta sociedade, políticos e outros. A título de exemplo, veja-se um comunicado típico da seção: do dia 23 de junho de 1888: “ Ouvimos que vai ser elevada à viscondessa a Baronesa de Surubi.” “; “ Suas



Altezas Imperiais visitarão amanhã à tarde o Jardim Zoológico.” (JORNAL DO COMÉRCIO, 23 jun. 1888).

Literatura - A seção começou a ser editada no jornal em 1879 com a publicação da palestra “Portugal e Camões em Paris”, publicada em quatro partes, última parte em 23 de dezembro de 1879, de autoria de Frederico de Sant’ana Nery. De A.J. G. Rodrigues, 26 de junho de 1879, *O Sonho de um sabiá*(conto).

Em 1884, a seção reapareceu na página 3, em duas colunas, ver o exemplar do dia 9 de agosto de 1884. A primeira foi assinada por Reinaldo Carlos Montono com um comentário sobre a Biblioteca Luso-Brasileira, editada por E. Perié, em vinte e quatro volumes. Na verdade, foi uma propaganda disfarçada da enciclopédia.

Parte Oficial - Esta seção durou quase setenta anos, subdividida em várias subseções. Eram reproduzidos os discursos dos deputados e senadores nas sessões da Câmara dos Deputados e do Senado. Além disso, eram publicadas todas as leis, decretos e resoluções do governo, as resoluções dos vários tribunais do sistema judiciário.

Publicações a Pedido - Esta seção durou quase que oitenta anos funcionando como uma tribuna. Presente na década de oitenta e nas outras décadas nas páginas do jornal. Os textos tinham o formato predominante de artigos que expressavam as opiniões dos assinantes e dos não-assinantes. Os artigos eram pagos e podiam ocupar várias colunas e até várias páginas. A polêmica entre a igreja e a maçonaria no Brasil desenvolve-se aqui por meio dos artigos pagos dos opositores.

Revista Literária - De autoria de José Veríssimo, esta seção foi organizada nos moldes e propósitos da antiga seção de crítica literária de Maria Amália Vaz de Carvalho. Foi publicada nas páginas do jornal nos dois últimos anos do século XIX e nos primeiros anos do século XX.

Telegramas - Esta seção apareceu em 1874, ocupava em torno de dois parágrafos. No terceiro capítulo, vejam-se os comentários sobre as suas temáticas e técnicas de composição.

Variadas - Esta seção apareceu no jornal em 1834. Veiculava temas variados, tais como, o torpedo-peixe (p.2, 5 fev. 1871). No Jornal do Comércio, muitos textos dessa seção apresentavam as características da reportagem. Ver o texto do dia 21 de março de 1881, intitulado “A Viagem Imperial a Ouro Preto” em que o redator faz uma antecipação para o leitor da viagem de D. Pedro II a Minas Gerais e Ouro Preto.

A Gazeta da Tarde e o escritor Raul Pompéia

O jornal *A Gazeta da Tarde* foi fundado em 1880 e dirigido por Ferreira de Meneses. Um exemplar característico de *A Gazeta da Tarde* possuía quatro páginas com textos relacionados a gêneros jornalísticos informativos e literários, bastante diversificados. Geralmente, cada página era organizada em cinco colunas separadas por filetes de cor preta. Os textos de caráter informativo apareciam em todas as páginas. Na primeira e na segunda página eram inseridas várias seções, por exemplo, *Variedades*, *Notícias*, *Fatos diversos*, *Uma seção*, *Interior*, *Exterior*, e/ou *Solicitadas*. Essa divisão apresentava-se semelhante à de outros jornais da época e que pudemos consultar durante a pesquisa realizada. A seção variedades funcionava como uma espécie de micro-enciclopédia, trazendo textos variados de gêneros diferentes e sobre temas diversificados que pudessem atender ao gosto do leitor digestivo: ficção, relatórios científicos, ensaios políticos, verbetes sobre curiosidades científicas ou inéditas. *Uma seção* trazia crônicas e textos ficcionais variados, romances europeus traduzidos ou brasileiros, poemas e publicou as canções de Pompéia e estava sempre na primeira ou segunda página da gazeta. As Correspondências, Publicações a Pedido, Avisos, Solicitações, Leilões e Anúncios vinham nas duas páginas derradeiras. É importante ressaltar que Pompéia criou o novo gênero, a sua prosa poética, no ambiente de jornal, conforme pudemos comprovar em trabalho anterior.

Selecionamos, para estudo, um poema de Pompéia, publicado inicialmente na Imprensa, conforme dados acima mencionados. Este poema em prosa constitui-se de uma ode ao sol, em que o ser-de-enunciação tece elogios, reverencia e declara seu amor, ao astro rei, ao qual se dirige, como: “astro onipotente”, “criador do dia e das cores...”, “sem a tua presença, toda esta paisagem jazera morta”. O poema apresenta em sua técnica de composição características semelhantes aos dos cantos entoados à natureza, sempre dirigidos à natureza-mãe. “Ah! Eu adoro o sol que é a força. Vem do mistério, como os deuses, e vai para o mistério...Por que buscar, mais alto, outra divindade além?!” Ao final do poema, a exaltação do transporte poético é interrompida pelo badalar do sino da igreja. “Entretanto, ouviu-se o sino da aldeia e o entusiasmo do sol (era o cura!) cortou arrependido a torrente blasfema dos seus transportes”.

Ao lirismo da canção, expresso por meio de imagens nucleares, junta-se o caráter cíclico de suas canções em prosa, nas quais, quase sempre, são retomados os



motivos iniciais como chave final. “D’onde vens, divino sol?” (...) Ah! eu adoro o sol que é a força.(...) Por que buscar, mais alto, outra divindade além?!

Pode-se observar que a seleção vocabular e a sintática atuam como elemento rítmico das frases. Os verbos apresentam função rítmica e musical. “Que estranha Divindade, és tu, glorioso sol, que me deslumbras? Sem a tua presença toda esta paisagem jazera morta. Toda esta alegria que eu sinto emana de teu fulgor, astro onipotente, criador do dia e das cores...” O eu poético em Pompéia faz alusão ao sol, como símbolo do princípio de tudo e sabemos que esse astro era reverenciado como a divindade dos antigos egípcios. O recurso da repetição de determinadas palavras, como elementos de musicalidade no poema também integram esta composição. “É teu o ouro das asas do inseto; o verde dos bosques é teu; é teu o azul dos espaços.”

Há inovação na ordem das palavras e na pontuação expressiva. “Entretanto, ouviu-se o sino da aldeia e o entusiasmo do sol (era o cura!) cortou arrependido a torrente blasfema dos seus transportes.” Ao mesmo tempo, podem ser observados elementos científicos, materiais, em contraposição a elementos idealizados, ou seja, Ah! eu adoro o sol que é a força. / Vem do mistério como os deuses, e vai para o mistério... / Por que buscar, mais alto, outra divindade além?!” O neologismo de significado aparece assim: “Entretanto, ouviu-se o sino da aldeia e o entusiasmo do sol (era o cura!) cortou arrependido a torrente blasfema dos seus transportes” .

Percebem-se alianças incomuns na formação de sintagmas provocando estranhamento e contribuindo de maneira sonora e inovadora para maior expressividade retórica do poema. Deve-se observar que os poemas em prosa de Pompéia não mencionam Deus, e rendem culto apenas à natureza, especificamente, ao sol, conforme visto nesta *Canção sem metro* – “Os deuses,” constante do *corpus* da pesquisa. Esse fato sugere uma visão do universo marcada por uma espécie de panteísmo ateu. No lugar de Deus, o eu poemático acredita no sol.

Na seleção vocabular observam-se signos que carregam conotações relacionadas à luz, à cor e à vida, predominando o elemento visual no poema. “É teu o ouro das asas do inseto; o verde dos bosques é teu; é teu o azul dos espaços. Todas estas pétalas que resplendem iriadas, recamando os prados, todas elas foram coloridas pelo minucioso pincel da tua luz”. Todavia, o elemento auditivo também se faz presente, aliado à presença da linguagem figurada que dá maior efeito lírico ao texto. “Ouve! Há risos sob a relva e canções no arvoredo!” Baudelaire esteve próximo do conceito de uma arte total



em que a palavra, a cor e o som, graças a um difuso sistema de analogias, nos sugerem esse infinito sonho do espaço e profundidade em que consiste a suprema epifania da beleza. E aqui neste texto de Pompéia percebe-se essa influência. Devemos, ainda, atentar para a seleção das cores que têm a cor de nossa nacionalidade, “ouro”, “verde” e “azul”.

O texto também está dividido em três partes, seguindo a divisão piramidal comum na imprensa. A primeira, introdutória aparece na forma de interpelação ao sol sobre sua origem. No desenvolvimento, a declaração do amor do eu poético àquela divindade responsável pela cor e pela vida. No final, uma espécie de epílogo, na terceira pessoa, uma ruptura na canção em que o questionamento e a ode ao astro rei proferida pelo ser de enunciação é interrompida pelo toque do sino na igreja. “Entretanto, ouviu-se o sino da aldeia e o entusiasmo do sol (era o cura!) cortou arrependido a torrente blasfema dos seus transportes”.

Percebem-se nas canções de Pompéia várias características próprias da linguagem jornalística, apesar do alto teor de poeticidade. Exemplificando, temos nesta última citação muita originalidade no enfoque do autor que mostra seu ponto de vista. Além disso, percebem-se qualidades estilísticas como a densidade da temática, a exatidão dos termos, sua precisão, a sensatez do eu poético, a naturalidade e o ritmo de cada canção, a correção da linguagem e sua propriedade. Sobretudo a clareza das idéias e a correspondente transparência expositiva, além da brevidade, características de todas as canções de Pompéia. A epígrafe ou paratexto é de José de Espronceda Y Delgado (1808 – 1842), poeta romântico, autor de *Diabo-mundo* (1840). A tradução é: “As crenças que abandonas, / Os templos, as religiões / que passaram, e que logo / reconheces como mentira, / são, talvez, menos mentira / que aquelas que agora inventas?” De todos esses processos, o que mais se baseia nos efeitos da harmonia imitativa, resultantes da combinação dos sons das palavras ao seu conteúdo representativo. Essa combinação trabalha no sentido de reforçar auditivamente a evocação do tema, provocando associações que a sugiram por via sensorial. Isso pode também criar uma atmosfera musical impressionista que traga mais valor expressivo ao conteúdo, por meio de relações que psicologicamente ligam o som das palavras ao significado, produzindo excitações emocionais. Este mesmo texto, em sua versão em livro, pode-se observar que a última parte, referente à intromissão sonora do sino, não



aparece. Ali há mudanças na seleção vocabular, na estruturação dos parágrafos e a presença de uma epígrafe, como em vários outros dos textos publicados no livro.

A primeira diferença que percebemos entre as canções constantes do livro e as do periódico são as epígrafes que aparecem em quase todos os textos reunidos em livro. Em nosso trabalho anterior em que selecionamos oito textos priorizados para análise no *corpus* da pesquisa, apenas uma das canções, “Solução”, não traz uma epígrafe. O livro como obra total apresenta uma epígrafe geral e trata-se de um texto de Paul Pierson que diz: “as palavras que compõem o verso não têm em si mesmas nenhuma medida determinada; elas só a apresentam a partir do momento em que são pronunciadas num tempo medido; o que é medido não é, então, o verso, mas o tempo e a ciência da medida, a métrica, tal como a entendemos em seu sentido verdadeiramente geral e científico, pode-se aplicar a toda medida de tempo, qualquer que seja o agente rítmico, dança, canto ou palavra”.

Esse texto vem de um livro publicado na coleção que a escola de Altos Estudos do Ministério de Instrução Pública da França fazia editar e tem a introdução de Gaston Paris, talvez o mais respeitado filósofo europeu de sua época. Paul Pierson morreu alguns anos antes da época literária de Pompéia, aos 29 anos e sua obra, cujo valor consiste apenas em seu sentido instigador, é uma tentativa de identificar as leis que regem a estruturação da expressão natural. A idéia vem da impressão de Pierson de que há certo ritmo que corresponde a cada uma das expressões que se deseja transmitir. Este ritmo pode ser definido por meio do recurso às leis da composição musical. Segundo aquele pensador, assim, a arte da métrica poderia se transformar em uma ciência. Essas idéias podem ter sido consideradas importantes por Pompéia, pelo seu caráter de modernidade à época, assim como pela tentativa, comum aos sistemas racionais do século XIX, de reduzir a complexidade geral a algumas linhas simples e elegantes.

A poética de Raul Pompéia esteve sempre aliada à imprensa, como cronista, autor de romance folhetim, além das *Canções sem metro* que foram realmente sua obra prima. Todos seus textos apresentam qualidades inatas dos grandes escritores ou jornalistas. Grande espírito de observação, visão clara das coisas; excelente reflexão, na análise dos fatos; objetividade, devido à sua mentalidade científica, mesmo com o subjetivismo do poeta, capacidade de exposição detalhada do mundo. Suas canções apresentam unidade, do princípio ao fim, de acordo com sua visão de mundo que implicava a busca de uma cosmologia. E as *Canções sem metro*, de Pompéia,



demonstram claramente que o seu autor consegue incorporar num plano estético, dentro do projeto literário brasileiro que ele integra os problemas que a modernidade vivencia nas letras.

Histórico da Marmota Fluminense

O título do jornal era *Marmota Fluminense*: jornal de modas e variedades. Foi publicado no período de 04 de maio 1852 a 30 de junho de 1857, durante o II Reinado, pela tipografia de Paula Brito. A eleição deste periódico justifica-se pelo valor do jornal enquanto publicação cultural e de entretenimento, num período em que o país se afirmava como nação, e com um público ainda não habituado à leitura de jornais.

A partir do início da segunda metade do século XIX, o Império está com sua estrutura consolidada. O Rio de Janeiro cresce em consequência das atividades comerciais e também por abrigar a cúpula do Estado. Neste contexto, surge a *Marmota Fluminense*, do editor Paula Brito (1809-1861). Esta não era a atividade inaugural deste personagem no prelo e nas letras. Sua vida profissional teve início no Jornal do Comércio, ainda de propriedade do francês Plancher. Desde 1831, ele já se encontrava no ramo da tipografia, como proprietário/empregado de um pequeno prelo, instalado na sua papelaria e oficina de encadernação, na Praça da Constituição, nº 51, onde foi impressa a tese de doutoramento em medicina de Joaquim Manoel de Macedo.

Paula Brito foi uma das figuras emblemáticas dos primeiros tempos da imprensa desvinculada dos interesses religiosos ou estatais, vivendo as contradições e as dificuldades de uma atividade que se iniciava num momento de crise política, que culminou com a abdicação de D. Pedro I. É Moraes que observa: “o comércio de livros era freqüente em meados do século XIX (1979, p.43-44)”. Em torno de 1840, o editor ainda vendia na sua famosa livraria onde se reuniam escritores e políticos, ‘chá do melhor que há’ como aparecia nos seus anúncios. Assim era sua livraria conhecida como ‘a loja do chá’.

A coleção da *Marmota* na Corte é composta de 257 números, o primeiro datado de 07 de setembro de 1849 e o último publicado em 30 de abril de 1852. O jornal saía as terças e sextas-feiras, na tipografia de Paula Brito, na Rua dos Ourives, nº 21. O último número publicado com este título em 30 de abril de 1852 coincide com a saída do redator, Próspero Diniz, que se desentendera com o seu sócio e editor, Paula Brito.

Seguindo o perfil da *Marmota* anterior, surgirá *A Marmota Fluminense*, fundada à semelhança das *Marmotas* da Bahia e de Pernambuco, como se verifica na



edição da Marmota na Corte de sete de janeiro de 1851 na fala do Próspero Diniz “são todas águas da mesma fonte”.

O jornal traz no alto da primeira página, à direita, uma epígrafe, que, segundo (WERNECK, 1999, p.163), “era uma característica da imprensa antiga do Brasil, a grande e a pequena, mas particularmente acentuada nesta, hábito que persistiu por longo tempo e que, do jornal, passou ao livro. Na epígrafe anunciava-se a orientação do periódico”. A nova Marmota mantém as mesmas características estruturais da Marmota na Corte. Cada número possui quatro páginas com textos ligados a gêneros jornalísticos, informativos e literários, variados. Cada página é separada por duas colunas. Em março de 1853, entre outras modificações no seu *layout*, cada página passa a ter três colunas. Nas primeiras, segundas e nas terceiras páginas estão inseridos artigos científicos, correspondências, histórias traduzidas, principalmente do francês, notícias culturais, contos, romances, artigos sobre moda e crônicas que encerram certa dose de humor e, que, de certa forma, integram um discurso caracterizado por conceitos moralizantes e reformadores. A quarta página era a única que apresentava as sessões fixas, trazendo sempre poesias, charadas, máximas, regras de bem viver e anúncios de produtos vendidos na loja do editor, mas não necessariamente todas essas sessões saíam publicadas no mesmo dia. O aspecto de mosaico na diagramação evidencia a necessidade de atrair a atenção de leitores apressados. O jornal saía duas vezes por semana, as terças e sextas-feiras com figurinos de modas para senhoras, desenhos para bordados etc. Publicado na Empresa Tipográfica Dous de Dezembro de Paula Brito, Impressor da Casa Imperial, na Praça da Constituição, nº 64, com o preço de assinatura a 4\$000 réis por seis meses, pagos adiantados.

Com apresentação de variados gêneros, a Marmota franqueou sempre suas páginas aos novos talentos, que aspiravam estrear no jornalismo. Além de Teixeira e Souza, que publicou na Marmota vários de seus romances, tais como, Maria ou a Menina Roubada, Tardes de um Pintor ou As intrigas de um jesuíta, As fatalidades de Dous Jovens, entre outros, o editor abriu espaço nas páginas de seu jornal a outros autores que se encontram hoje no cânone da literatura nacional, como por exemplo: Manuel Joaquim de Macedo, Machado de Assis, Laurindo Rabelo, entre outros.

A Marmota funcionou como um instrumento de divulgação da obra literária e de construção de conhecimento social de seus leitores. Era, sobretudo, através do folhetim que os leitores tomavam contato com os autores e suas obras, ocupando o rodapé da primeira página do jornal, espaço destinado ao entretenimento. Seu primeiro



folhetim saiu publicado em oito de julho de 1853, *Judith ou o Camarote da grande ópera de Paris*: novela contemporânea, escrita por Eugene Scribe. Para citar autores mais conhecidos, a presença de Joaquim Manoel de Macedo nesse espaço era freqüente com os seus romances, como por exemplo, *A Vicentina*, publicado entre sete de março a dezanove de dezembro de 1854.

Como é possível verificar, neste recorte do histórico da *Marmota Fluminense*, a preocupação do editor em abrir espaços para novos talentos, não só na área de literatura, como em outras áreas do conhecimento, fazendo da *Marmota* um veículo de entretenimento e de formação para um público ainda novo nas questões de leitura. Em seus textos prefiguram-se as tendências estéticas do Arcadismo, com uma linguagem simples e natural, num estilo fácil e com temas bucólicos. Frequentes em suas páginas, a mitologia grega, as fábulas, a arte exerce um papel pedagógico, persuasivo e moralizante.

Em síntese, no interior de suas páginas, acham-se diversas configurações de gêneros, cabendo assinalar a forte presença e influência francesas, principalmente na constância de publicação de artigos e textos traduzidos. A *Marmota Fluminense*, na figura de seu editor Paula Brito, marca presença na história do jornalismo brasileiro do século XIX, se considerarmos que, à época, os grandes jornais pertenciam a imigrantes ou filhos de imigrantes, e que menos de um quinto das empresas locais eram brasileiras.

Jornalismo e criação ficcional em Euclides da Cunha

Este estudo tem por objetivo refletir ‘analiticamente’ sobre as constantes e imponderáveis influências que os textos jornalísticos de Euclides da Cunha, referentes à campanha de Canudos, exercem na corporificação da obra *Os Sertões*. A obra acabada, que veio a público, se analisada nessa perspectiva deixa entrever, em seus liames, aspectos fundamentais do percurso que lhe deu origem.

Os textos jornalísticos de Euclides espelham em sua elaboração um fino procedimento redacional, confirmado por um vocabulário rico, elevado, constitutivo de uma linguagem singularmente estilizada, em que as metáforas traduzem habilmente a face subliminar dos seres e das coisas, conferindo uma notável revitalização à dimensão expressiva do texto.

O corpus tomado para análise nesse estudo são os artigos publicados por Euclides da Cunha, no jornal *O Estado de São Paulo*, sobre a campanha de Canudos e a obra *Os Sertões*. Esse material será examinado, levando em conta o aspecto



hipertextual, para elucidar o conjunto de relações que unem os textos anteriores, formados pelos artigos do jornal, tomados como hipotextos, ao texto posterior, a obra, apreendida como hipertexto, para observar nesse conjunto as características da trajetória criativa do escritor. Serão levados em conta, também, fatores referentes à relação transtextual, como a intertextualidade que se manifesta pela relação de co-presença estabelecida entre os textos jornalísticos e aquele da obra ficcional, de tal maneira que a presença daqueles se manifeste neste, confirmando-o, questionando-o, ironizando-o ou estabelecendo com ele outros modos de correlação.

Como se trata de um texto jornalístico, com finalidade informativa, ele faz alusão à cidade concreta, um local mal estruturado, horrendo, com becos estreitos salpicados de esgotos totalmente expostos, o que desencadeia uma situação repugnante para os transeuntes. O autor nos informa, em seguida, sobre a feiúra, também, das pessoas e do desarranjo humano que compõe aquele cenário, em que a desordem inicia-se às seis horas da manhã.

Algo bem diferente ocorre com Monte Santo representada mimeticamente em *Os sertões*. Aqui, ela se insere num discurso fundador, próprio da linguagem ficcional, que tem a faculdade de conduzir o leitor simultaneamente tanto para o mundo objetivo quanto para a sua ‘alteridade’, isto é, o autor retira, habilmente, a cidade de sua configuração geográfica pra lançá-la no espaço imaginário da lenda.

Apreendida dessa maneira, a cidade se desgarrar da geografia e se inscreve no mundo imaginário do autor e dos leitores. Aqui, o artista abandona o mundo prático e adentra o universo mimético com o intuito de captar a profunda revelação proveniente dos elementos constitutivos do mundo, “Objetivo que ele realiza mediante a modificação das coisas exteriores, nas quais imprime o selo de seu interior, onde reencontra suas próprias determinações. Como sujeito livre, o artista faz isso para retirar do mundo exterior sua rude estranheza e para gozar, na forma das coisas, a beleza delas emanada” (Hegel, 2001, p. 53).

Vista por essa focalização simbólica, a serra se torna, praticamente, a imagem do alfabeto pela instauração das letras A, L e S, e o emblema do maior símbolo do cristianismo: a cruz.

Como sabemos, o discurso metafórico-simbólico singulariza a feição da paisagem que não representa mais, como no texto jornalístico, sua dimensão geográfica, mas aquela da densidade interior do ser, já que o *calvário de Jerusalém* procede da



memória criativa do narrador. Assim, por meio de um discurso fundador, o autor passa do plano geográfico ao ficcional, matizado de especial encanto.

Desse modo, o texto ficcional, tomado como hipertexto, amplia a abertura interpretativa, promovendo uma situação geradora de novas significações. A expressão, Monte Santo, do texto ficcional é muito mais rica do que aquela da elaboração jornalística. Portanto, o hipertexto (Os Sertões) não confirma os significados contidos nos textos anteriores. Fazem, sim, uma enorme ampliação semântica dos significados informativos. O autor, no texto ficcional, passa do entendimento de uma entidade fechada, com significações prévias, ao jogo plural e aberto de significações, característico da criação artística.

A leitura do jornal pressupõe um efeito suspensivo proveniente de sua edição diária, ensejando a necessidade de retomada constante do tema, o que propõe aos leitores o uso contínuo de técnicas motivadoras e evocatórias, próximas daquelas estabelecidas pela conversação. Nessa perspectiva, o autor, que se referiu à beleza da região, no texto de 27 de setembro de 1897, “Situada num dos lugares mais belos e interessantes do nosso país, Monte Santo é simplesmente repugnante”, retomou essa dimensão anteriormente aludida no texto de 8 de setembro de 1897, nos seguintes termos: “Do alto descortina-se um horizonte de vinte léguas, toda a região como uma costa em relevo estende-se ante o olhar do observador, patenteando perspectivas belíssimas” (Euclides, 1897).

O jornalismo, algumas vezes, propugna-se pela ênfase na distinção de seus componentes específicos como informação, atualidade, linguagem objetiva e estilo flexível. Mas algumas vezes soma-se a esses fatores um ineliminável grau de artisticidade, como no caso do autor em estudo.

Finalizando, as influências recíprocas que se estabelecem entre jornalismo e literatura são muito contundentes, não só no Brasil, por isso, estudar essas correlações e os efeitos delas decorrentes, na elaboração multiforme de sentidos, em um escritor tão importante para a imprensa e para literatura internacional, como Euclides, parece justificar-se metodológica e culturalmente.

REFERÊNCIAS

GAZETA DA TARDE. Rio de Janeiro: Tipografia da Gazeta da Tarde, 1880-1890.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Commercio, 1827-1950.

MARMOTA FLUMINENSE. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 1852-1857.



MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura Ciência e Tecnologia, 1979.

MARMOTA NA CORTE. Rio de Janeiro: Typ. de Paula Brito, 07 set. 1849-1850.

O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo: Tipografia de O Estado de São Paulo, 1890-1910.
Ribeiro, José Alcides. *Imprensa e ficção no século XIX*: Edgar Allan Poe e A narrativa de Arthur Gordon Pym. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1996.

RIZZINI, Carlos. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil: 1500-1822*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1946.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Manad, 1999.

TÍTULOS E RESUMOS DOS PARTICIPANTES DA MESA

Resumo 1 - As Seções do Jornal do Commercio: Gêneros Jornalísticos e Literários

Dr. José Alcides Ribeiro – docente, Universidade de São Paulo – USP

De longa vida editorial no Brasil, o *Jornal do Commercio* distingue-se por explorar nas suas seções e colunas gêneros jornalísticos e literários por um grande período. O propósito da comunicação é apresentar um perfil detalhado das seções do *Jornal do Commercio do Rio de Janeiro* com um registro da localização dos gêneros jornalísticos, comunicado e comunicado opinativo, e dos literário(romance, conto) e da crônica(gênero híbrido).

Resumo 2 - A Gazeta da Tarde e o escritor Raul Pompéia

Dra. Regina Lúcia de Araújo - docente, Universidade Católica de Goiás- UCG.

O objetivo desta comunicação é oferecer uma caracterização do perfil geral da Gazeta da Tarde do Rio de Janeiro, com suas seções de notícias e literárias. Além disso, a comunicação tem como fim comentar as seções literárias escritas por Raul Pompéia para o jornal.

Resumo 3 – Histórico da Marmota Fluminense

Maria das Graças Gonçalves Silva – Mestranda da USP.

O propósito da comunicação é apresenta o histórico da *Marmota Fluminense*: jornal de modas e variedades, publicado no período de 04 de maio 1852 a 30 de junho de 1857, durante o II Reinado, pela tipografia de Paula Brito. A eleição deste periódico justifica-se pelo valor do jornal enquanto publicação cultural e de entretenimento, num período em que o país se afirmava como nação, e com um público ainda não habituado à leitura de jornais.

Resumo 4 – Jornalismo e criação ficcional em Euclides da Cunha

Dr. Éris Antônio de Oliveira, docente, Universidade Católica de Goiás.

Este estudo tem por objetivo refletir ‘analiticamente’ sobre as constantes influências que os textos jornalísticos de Euclides da Cunha, referentes à campanha de Canudos, exerceram na corporificação da obra *Os Sertões*. A obra acabada, que veio a público, se analisada nessa perspectiva deixa entrever, em seus liames, aspectos fundamentais do percurso que lhe deu origem.